

Viajando de trem através da China

Almir Pazzianotto Pinto

Somos inferiores aos chineses? A pergunta me atormenta há muito tempo. Surgiu depois de ler *Viajando de trem através da China*, do escritor Paul Theroux, com pouco mais de 400 páginas, hoje encontrado em alguns sebos. O autor viajou em 1985. O livro veio a público na Europa em 1986. Fala dos exotismos, paradoxos, misticismos, tradições milenares, registrados ao longo de viagem “que procura desvendar a imensidão territorial e cultural”, do país que no espaço de poucos anos deixou de ser miserável e fraco para se tornar a segunda potência econômica e militar do planeta.

A dúvida se encontrava hibernando, quando *O Estado*, na edição de 8/1, (Caderno C2), publicou matéria do The New York Times, assinada pelo jornalista Keith Bradsher, sob o título “China já tem taxi que voa e drone que traz o almoço”, sobre a nação que evolui aceleradamente graças à adoção, sem preconceitos, de todos os recursos da tecnologia de última geração.

Em 1985, se Paul Theroux não houvesse escolhido a China, mas o Brasil, para empreender a viagem de trem, o que teria encontrado? O ano de 1985 marca a transição do regime militar para o governo civil e do autoritarismo para o estado democrático, com a vitória do dr. Tancredo Neves sobre Paulo Maluf no Colégio Eleitoral. Sob o ponto de vista financeiro o panorama era, porém, desolador, dominado pela inflação e histórico descrédito na moeda. No plano do desenvolvimento econômico, todavia, o agronegócio ganhava força, graças às pesquisas da Embrapa, a indústria automotiva dava largos passos desde a chegada em 1957, havia energia elétrica em abundância, a Petrobrás cumpria o papel que dela se esperava, o mesmo acontecendo com a Embraer. Caminhávamos para nos tornarmos a 8ª economia mundial, mas com recorrentes problemas de pobreza, fome, violência urbana, deficiente infraestrutura, péssima distribuição de renda, morosidade judicial.

A China, por sua vez, após se livrar da tirania de Mao Tse-Tung (1893-1976), fundador da República Popular da China, encontrou em Deng Xiaoping (1904-1997) o líder empenhado em combinar o estatismo centralizador do Partido Comunista, com a necessidade da abertura interna e externa da economia, transformando o milenar conformismo do campesinato inerte em vigoroso motor do desenvolvimento urbano.

Com 9,59 milhões de km² e população estimada de 1,4 bilhões de habitantes, a China conseguiu, em pouco mais de quatro décadas, acabar com a fome e a miséria e atingir o PIB de US\$ 29,3 trilhões, que dela fez a segunda economia mundial. No Brasil é necessário fechar os olhos aos obstáculos da emaranhada legislação fiscal, da confusa legislação trabalhista, e da pesada carga tributária, para assumir os riscos de ser empresário e gerar empregos.

Na reportagem que me inspirou, dediquei atenção especial às informações sobre o transporte ferroviário, essencial a países com territórios extensos. Encontram-se em operação, na China, algo em torno de 48 mil km de ferrovias para trens modernos, confortáveis, de alta velocidade, que trafegam a quase 350 km por hora, “tão rápido que,

ao passar por uma rodovia em um desses trens, os carros parecem estar praticamente parados”. A velha malha ferroviária nacional, com cinco bitolas distintas, é escassa, antieconômica e ineficiente.

Tenho a dolorosa sensação de que a partir de 1985 Brasil e China tomaram caminhos radicalmente opostos. A erradicação da miséria e a construção da riqueza lá se fizeram com o alargamento do mercado de trabalho, permanente modernização da economia, livre e vigoroso comércio exterior, qualificação constante da mão de obra. Aqui a pobreza e a fome são enfrentados com custosos programas assistenciais mantidos indefinidamente pela população, trazendo como inevitável efeito colateral o desestímulo ao trabalho.

Aos chineses deve soar estranha a garantia contida no art. 7º, XXVII, da Constituição de 1988, do direito à proteção do trabalhador “em face da automação, na forma da lei”. Em todos os países inteligentes e desenvolvidos, a automação é vista como benéfica ao sistema produtivo, jamais como ameaça. Na China, como na Coreia do Sul, no Japão, na Alemanha, os recursos da tecnologia da informática e da Inteligência Artificial estão colocados a serviço da economia e, portanto, do povo.

Procuro ser otimista, mas não me iludo com fantasias. Quando sinto prestes a renascerem as esperanças, escândalos de gigantescas proporções me fazem despertar. As fraudes no INSS, contra centenas de milhares de aposentados, pensionistas e deficientes, são investigadas, mas com a velocidade do bicho preguiça, sendo impossível prever onde irão desaguar. Não encerrado o caso da Previdência, explode a intervenção do Banco Central no Banco Master. Na edição de 15/1, o Estadão publica, na página B3, nomes, fotografias e breve currículo dos principais acusados. Separem e guardem. Pensei nos painéis das antigas Delegacias de Vigilância e Captura, estampando a relação de procurados pela polícia.

Somos inferiores aos chineses? Onde se encontram, se existem, as razões da inferioridade? A prolixa Constituição de 1988 e a corrupção endêmica têm algo a ver com isso? Responda o leitor.

.....

Advogado. Foi Ministro do Trabalho e presidente do Tribunal Superior do Trabalho.